



PARA FRANCISCO E AS MIGRAÇÕES

Fundamentos da missão MSCS junto a migrantes e refugiados/as*

Roberto Marinucci♦

Vou apresentar esses 5 fundamentos a partir do pensamento geral do Papa Francisco, considerando algumas de suas prioridades. Não são os únicos fundamentos possíveis. Na elaboração do texto pensei também em outros. No final escolhi estes 5. Devem ser considerados apenas como pontos de partida para reflexões mais aprofundadas de um ponto de vista contextual. Cada contexto histórico, cultural e social tem suas dinâmicas específicas e prioridades. São apenas um ponto de partida.

1) Testemunhar o sentido de responsabilidade

Francisco, avaliando a conjuntura migratória contemporânea, sublinha em primeiro lugar a necessidade de fortalecer nosso sentido de responsabilidade em relação ao que acontece não apenas perto de nós, mas no planeta inteiro. Na homilia em Lampedusa afirma: *“Hoje ninguém no mundo se sente responsável por isso [as mortes no Mediterrâneo]; perdemos o sentido da responsabilidade fraterna; caímos na atitude hipócrita do sacerdote e do levita de que falava Jesus na parábola do Bom Samaritano”* (Lampedusa, 2013). Na opinião de Francisco, *a globalização da indiferença* produz falta de responsabilidade em relação ao drama de milhões de pessoas.

É bom ressaltar que na contemporaneidade há dispositivos criados para anestesiar a população. O “outro”, estigmatizado por alguns marcadores sociais, acaba perdendo sua humanidade, num processo de inferiorização. Desta forma, a população manipulada e anestesiada, perde a sensibilidade e a responsabilidade em relação ao sofrimento alheio. Diante disso, Papa Francisco nos convida, em primeiro lugar, a superar a *“anestesia do coração”* (Lampedusa, 2013). Isso tem dois importantes desdobramentos: reconhecer a igual dignidade de todos os seres humanos e, ao mesmo tempo, desenvolver atitudes compassivas. Destas vou falar mais adiante. Em relação à igualdade de todos e

* Este texto se refere à apresentação, do autor, no Seminário “O rosto feminino do Carisma Scalabriniano”, realizado em 24 de abril de 2021, pela Plataforma Zoom, sob responsabilidade da Animação Geral do Apostolado MSCS, no âmbito do processo de atualização das Diretrizes Gerais do Apostolado da Congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas (MSCS).

♦ Leigo, italiano, casado, pai de dois filhos. Mestre em Missiologia. Editor-chefe da Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana - REMHU e pesquisador do CSEM- Centro Scalabriniano de Estudos migratórios – Brasília / DF - Brasil.



todas os seres humanos, hoje, como afirma o antropólogo Marco Aime¹, não é suficiente nascer ou viver para existir socialmente: é necessário um documento que confira dignidade e direitos. O nascimento garante a existência biológica, mas a existência política que atribui direitos, decorre do documento de referência, o passaporte. Nessa perspectiva, afirma Francisco, “*os migrantes não são considerados suficientemente dignos de participar na vida social como os outros, esquecendo-se que têm a mesma dignidade intrínseca de toda e qualquer pessoa*” (FT 39). Responsabilizar-se e ter compaixão do sofrimento alheio implica reconhecer que todas as pessoas possuem a mesma dignidade. Significa reconhecer a *fraternidade universal*. Somos todos irmãos e irmãs. A *égalité* pressupõe a *fraternité*.

Esse sentido de responsabilidade pelos dramas que ocorrem perto e longe de nós não deve gerar sentidos de culpa e impotência. Somos criaturas frágeis e não podemos resolver todos os problemas planetários. Ainda assim, podemos desencadear processos locais de mudança que, por vezes, terão repercussões globais. Como afirma Francisco, “*é possível começar por baixo e caso a caso, lutar pelo mais concreto e local, até ao último ângulo da pátria e do mundo, com o mesmo cuidado que o viandante da Samaria teve por cada chaga do ferido*” (FT 78).

Repito, o sentido de responsabilidade não é um fardo, mas um *chamado a responder* pelos dramas de pessoas migrantes e refugiadas, nos limites de nossas possibilidades. É um *chamado a lutar* contra a indiferença, contra a inferiorização de seres humanos e, inclusive, contra a criminalização das migrações e das pessoas migrantes.

2) Aproximar-se e encontrar

Papa Francisco insiste muito na “*cultura do encontro*”. Na homilia em Lampedusa usa essa expressão que retorna em vários pronunciamentos. A ideia da “*cultura do encontro*” pode ser interpretada na ótica da “*proximidade*” ou do “*aproximar-se*”, sobre a qual Francisco reflete na *Fratelli tutti* em relação à parábola do Bom samaritano. A “*cultura do encontro*” é a “*cultura do aproximar-se*”. Aproximar-se significa ultrapassar as fronteiras, eliminar os muros, materiais e imateriais, que nos dividem dos outros e das outras. Não é algo automático; é produto da proatividade, de uma decisão, de uma escolha. Uma decisão irrenunciável para quem está comprometido com a causa de pessoas migrantes e refugiadas. Aproximar-se significa também subir ou, mais comumente, descer na condição do outro, estabelecer relações de igualdade, relações simétricas. O verdadeiro encontro com o outro, para Francisco, é, ao mesmo tempo, origem e consequência de um ato de “*compaixão*”, outra temática muito cara ao bispo de Roma. A aproximação nasce de um ato de compaixão e, ao mesmo tempo, gera,

¹ AIME, Marco. La macchina della razza. Storie di ordinaria discriminazione. Eleuthera, 2013.



produz compaixão, no sentido etimológico de “padecer com”, “vivenciar a dor do outro”. É por isso que na viagem de retorno da Ilha de Lesbo, na Grécia, lugar onde ficam muitos solicitantes de refúgio que chegam da Turquia, o bispo de Roma desafia: “*Eu convidaria os traficantes de armas (...) a passar um dia naquele campo [de refugiados]. Creio que, para eles, seria salutar!*”. A aproximação e o encontro podem ser “salutares”. A relação face a face pode derrubar estereótipos e tipificações. Pode mover o coração. Pode gerar lágrimas.

Talvez seja por isso que Francisco considera “o dom das lágrimas” (Ciudad Juárez, México, 2016) uma das mais preciosas dádivas que podemos receber. Francisco desenvolve uma verdadeira “Teologia das lágrimas”, que nada mais é que a capacidade de compaixão, de empatia que surge do encontro com o outro. “*A globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar!*” (Lampedusa, 2013), de chorar pelas “*milhares de pessoas que choram enquanto fogem de guerras horríveis, de perseguições e violações dos direitos humanos*” (Discurso ao Corpo Diplomático da Santa Sé, 2016). De fato, “*são as lágrimas que podem abrir o caminho à transformação; são as lágrimas que podem abrandar o coração, são as lágrimas que podem purificar o olhar e ajudar a ver a espiral de pecado em que muitas vezes se está enredado. São as lágrimas que conseguem sensibilizar o olhar e a atitude endurecida, e sobretudo adormecida, perante o sofrimento alheio. São as lágrimas que podem gerar uma ruptura capaz de nos abrir à conversão. Foi assim com Pedro, depois de ter renegado Jesus; chorou e as lágrimas abriram-lhe o coração*” (Ciudad Juárez, México, 2016).

O encontro com o outro produz lágrimas e responsabilidade. Não só lágrimas. Estas, quando autênticas, geram conversão, novas atitudes e novos engajamentos. A compaixão nos leva ao encontro de pessoas migrantes e solicitantes de refúgio. Nos leva às “praças”. Um compromisso irrenunciável para quem está envolvido na causa de pessoas migrantes e refugiadas.

3) Acompanhar

No número 64 da Fratelli tutti o Papa afirma: “*crecemos em muitos aspectos, mas somos analfabetos no acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas sociedades desenvolvidas*” (FT 64). Quero chamar atenção para o termo *acompanhar*, que o Papa utiliza com frequência, inclusive em relação a pessoas com deficiências (FT 98), pessoas que sofrem (FT 186) ou idosos (FT 19). O termo acompanhar vem do latim “*cum panis*”. O companheiro (a companheira) é aquela pessoa com a qual dividimos o pão. Nessa ótica o termo está relacionado com a “comensalidade” e, ao mesmo tempo, com a “mobilidade” (caminhar junto, seguir uma pessoa) e, querendo, também com a “unidade” (alguma coisa está acompanhada por outra, algo que complementa). A comensalidade é o espaço da partilha, do revigoramento e, sobretudo, da eliminação de todas as estratificações sociais e as barreiras entre pessoas. A mesa é o lugar onde, a princípio, somos todos iguais. Na mesa



partilhamos a mesma comida. Acompanhar significa ser companheiro e companheira de caminhada. Acompanhar significa estabelecer relação simétricas e paritárias com o outro e trilhar seu caminho. Acredito que a afirmação de Scalabrini, “ser migrante com os migrantes”, pode ser interpretada nesta ótica. Os companheiros de caminhada cuidam um do outro, se sustentam reciprocamente. Nesta ótica este termo se diferencia de outros termos, como cuidar ou proteger: nestes casos há alguém que cuida e alguém que é cuidado, alguém que protege e alguém que é protegido. A ótica do acompanhar foca a reciprocidade: enquanto companheiros e companheiras protegemos e somos protegidos, educamos e somos educados, sustentamos e somos sustentados.

Enfim, após a aproximação, somos chamados a acompanhar. Isso tem duas implicações: a ação concreta será sempre decorrente da necessidade dos companheiros e das companheiras migrantes, que possuem um projeto migratórios e são sujeitos de suas vidas. É apenas caminhando juntos que descobrimos o que fazer. Ao mesmo tempo, estamos sempre abertos a sermos ajudados e protegidos pelos nossos e nossas companheiros e companheiras de caminhada. A dimensão relacional é central. Em um mundo que estratifica a humanidade – com seres superiores e outros inferiores – se relacionar de forma paritária se torna um ato revolucionário, no sentido de ir na contramão da lógica da hierarquização e inferiorização do outro. *Antes que “fazer” é o importante “estar” junto às pessoas migrantes e refugiadas de forma paritária, como companheiros e companheiras de caminhada.*

Na Fratelli tutti (n. 39), Francisco afirma: *“Nunca se dirá que não sejam humanos [os migrantes], mas na prática, com as decisões e a maneira de os tratar, manifesta-se que são considerados menos valiosos, menos importantes, menos humanos. É inaceitável que os cristãos partilhem esta mentalidade e estas atitudes, fazendo às vezes prevalecer determinadas preferências políticas em vez das profundas convicções da sua própria fé: a dignidade inalienável de toda a pessoa humana, independentemente da sua origem, cor ou religião, e a lei suprema do amor fraterno”.*

4) O amor político

Amar a Deus e ao próximo. Esta é a síntese de toda a lei. Papa Francisco esclarece uma modalidade de amor ao próximo: *“um indivíduo pode ajudar uma pessoa necessitada, mas, quando se une a outros para gerar processos sociais de fraternidade e justiça para todos, entra no «campo da caridade mais ampla, a caridade política»”* (FT 180). O bispo de Roma fala da “ação política” como um ato de “amor”, termo, este, comumente utilizado para as relações interpessoais. Ouvimos Francisco: *“o amor expressa-se não só nas relações íntimas e próximas, mas também nas «macrorrelações como relacionamentos sociais, econômicos e políticos»”* (FT 181); ou também: *“É caridade acompanhar uma pessoa que sofre, mas é caridade também tudo o que se realiza – mesmo sem ter contacto direto*



com essa pessoa – para modificar as condições sociais que provocam o seu sofrimento” (FT 186).

Lutar pela mudança de leis migratórias injustas, pela formulação e implementação de políticas públicas que promovam e defendam direitos humanos, pelo planejamento e estruturação de ações sociais, pela formação e sensibilização da sociedade, pela superação de discursos de desconfiança, de ódio que emergem entre uma conversa e outra nos espaços onde transitamos: são estes alguns exemplos de atos de “amor” para quem está distante. Papa Francisco inicia a encíclica *Fratelli tutti* falando do amor para todas as pessoas, “independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita” (FT 1). O amor político ultrapassa as fronteiras e os muros. O amor político alcança pessoas desconhecidas e longínquas. O amor político é um ato de plena gratuidade, por ser realizado, muitas vezes, com pouca visibilidade. Em alguns casos é também um ato que desafia interesses de poderosos, exigindo desobediência civil e gerando perseguições. É o caso de numerosos ativistas que defendem e promovem os direitos de pessoas migrantes e estão sendo perseguidos por causa disso.

O “amor político” surge do sentido de *responsabilidade* e da *compaixão*, e complementa a ação do *aproximar-se* e do *acompanhar*. É uma ação necessária, como nos lembra Francisco em Lesbo: “Para sermos verdadeiramente solidários com quem é forçado a fugir da sua própria terra, é preciso trabalhar para remover as causas desta dramática realidade: não basta limitar-se a resolver a emergência do momento, é preciso desenvolver políticas de amplo respiro, não unilaterais” (Lesbo, Grécia, 2016).

5) Gerar processos

Na *Evangelii Gaudium* (n. 222-237) Papa Francisco elenca 4 princípios que “orientam especificamente o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum”. Aqui não vou apresentar os 4, mas apenas um. O tempo é superior ao espaço. Afirmo Francisco: “Este princípio permite trabalhar a longo prazo, sem a obsessão pelos resultados imediatos. Ajuda a suportar, com paciência, situações difíceis e hostis ou as mudanças de planos que o dinamismo da realidade impõe. [...] Um dos pecados que, às vezes, se nota na atividade sociopolítica é privilegiar os espaços de poder em vez dos tempos dos processos. Dar prioridade ao espaço leva-nos a proceder como loucos para resolver tudo no momento presente, para tentar tomar posse de todos os espaços de poder e autoafirmação. É cristalizar os processos e pretender pará-los. Dar prioridade ao tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços [grifo do texto]. O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos numa cadeia em constante crescimento, sem marcha atrás. Trata-se de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras



peças e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes. Sem ansiedade, mas com convicções claras e tenazes” (EG 223).

O convite do bispo de Roma é a *geração de processos* na ação social. Antes que soluções imediatas e impostas a partir de lugares de poder, é preferível gerar novas dinâmicas participativas que amadureçam gradativamente com o tempo e incidam profundamente na realidade social. Antes que oferecer soluções prontas para a obtenção de ganhos imediatos, é importante dar ferramentas e envolver o maior número de interlocutores. Esse princípio nos convida também a pensar as pessoas migrantes e refugiadas como “agentes”, como “interlocutores”, enfim, como sujeitos capazes de construir suas vidas, sem oferecer soluções e receitas pré-fabricadas. A *fraternité* implica sempre a *liberté*. Esse princípio nos exorta também a ofertar “perspectivas”, “novos horizontes” para aqueles e aquelas aos quais é negado o *direito ao futuro*. A segurança implica liberdade *do* medo e *da* necessidade, mas também liberdade *para* uma vida com dignidade. Enfim, a ação social deve doar “futuro”, “perspectivas” e não apenas “espaços de segurança”.

Nas palavras de Francisco: “A *parábola do trigo e do joio* (cf. Mt 13, 24-30) *descreve um aspecto importante de evangelização que consiste em mostrar como o inimigo pode ocupar o espaço do Reino e causar dano com o joio, mas é vencido pela bondade do trigo que se manifesta com o tempo!*”.

Conclusão

“O mundo existe para todos, porque todos nós, seres humanos, nascemos nesta terra com a mesma dignidade. As diferenças de cor, religião, capacidade, local de nascimento, lugar de residência e muitas outras não podem antepor-se nem ser usadas para justificar privilégios de alguns em detrimento dos direitos de todos” (FT 118).

Gerar processos libertadores, amar politicamente, aproximar-se e acompanhar pessoas migrantes e refugiadas é nossa responsabilidade enquanto seres humanos, mas também enquanto cristãos e cristãs, pois o encontro com o outro empobrecido e migrante é sempre *um encontro eucarístico*: “Cada um de vós, refugiados que batem às nossas portas tem o rosto de Deus, é carne de Cristo” (Visita ao Centro Astalli, 2013)².

² Cabe lembrar o conhecido texto de São João Crisóstomos: “Se quiserdes honrar deveras o corpo de Cristo, não consentais que esteja nu. Não o honreis aqui [dentro da igreja] com vestes de seda, enquanto que fora o deixais perecer de frio e nudez. Porque o *mesmo* que diz: “este é meu corpo”, é que disse “me viste faminto e não me deste de comer”. E sua palavra fundamenta nossa fé” (GONZÁLES FAUS, José Ignacio. *Vigários de Cristo: os pobres na teologia e espiritualidade cristãs* - Antologia comentada. São Paulo: Paulus, 1996, p. 32).



Brasília, 24.04.2021

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, CSEM